



Banheiro masculino da Rodoviária, por onde circulam 15 mil pessoas diariamente: péssimo estado de conservação do terminal é criticado por passageiros e permissionários

ESTAÇÃO DO ATRASO

Desembarcar em Brasília é sempre uma expectativa. Na maioria das vezes, boa. Afinal, trata-se da capital do País, o centro das decisões. É onde mora e trabalha o presidente da República. O lugar onde, no Natal, as pessoas fazem caridade para os que acampam pelos gramados do Plano Piloto.

Ao descer do ônibus interestadual, o passageiro se depara com um cenário desolador. Na manhã de quarta-feira, a dona-de-casa Antônia Maria Bonfim, 62 anos, estava lavan-

do o rosto em um dos banheiros da estação Rodoviária. Havia desembarcado há poucos minutos. Vinha de Goiânia visitar a filha e o neto recém-nascido. "Minha filha, que lugar horroroso!", dizia, decepcionada, enquanto vasculhava a bolsa atrás de uma moedinha. Hoje, a falta de dinheiro da Administração da Rodoviária faz com que as funcionárias peçam uma "contribuição" para comprar papel higiênico e desinfetante para a limpeza dos sanitários. "Se não for assim, estaria bem pior", diz uma delas, que prefere não se identificar "para não perder o emprego".

A sujeira é o cartão de visita que se apresenta aos viajantes. Cerca de 15 mil pessoas passam pela Rodoviária diariamente. É como se o terminal fosse a entrada de uma cidade velha e abandonada — quase 36 mil metros quadra-

dos de desconsolo. Uma construção que não condiz com a capital do Brasil. O cheiro é ruim. O chão está encardido. O painel de horários e destinos (desatualizado), afixado em frente à escada de acesso ao antigo embarque e desembarque no subsolo, está encardido. As teias de aranha são tiras imensas penduradas no teto. Infiltrações, goteiras, torneiras arrancadas, descargas que não funcionam há tempos. Tornadas abertas e fios expostos. Vazamentos.

CHUVAS E PREJUÍZO

"Aqui dentro chove como se fosse lá fora", conta a moça da faxina, que esfrega o chão e

limpa os vasos sanitários com mãos desprotegidas e sandália Havaianas. "Mas todo pessoal tem luva, bota e uniforme", garante o chefe do Distrito de

Limpeza do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), responsável pelos 48 funcionários que trabalham no terminal. O SLU garante apenas a mão de obra. Material de limpeza,

quando tem, é comprado pelas próprias servidoras.

Em dezembro do ano passado, mais de 160 mil pessoas desembarcaram nos 13 boxes da Rodoviária, segundo o setor de estatística da administração. Outras 174 mil deixaram a cidade pelo mesmo local, que pouco tem a oferecer.

Dos 13 banheiros, cinco estão interditados. Três são masculinos. Foram fechados pelos funcionários com tábuas e pregos porque as descargas estão sem funcionar há pelo menos três meses, segundo um dos servidores.

A funcionária da banca de jornais, Darcy Pereira Neves, 31 anos, trabalha há 10 anos na Rodoviária. "Isso aqui só piora", lamenta. Desde que começou a chover, a banca só teve prejuízos. Revistas e mais revistas estão se perdendo com a água que desce pela parede e molha tudo. "O elevador não funciona", conta o padre Orlando Miguel de Souza, funcionário do posto de atendimento ao imigrante da Fundação do Serviço Social. O posto fica no segundo andar do terminal. "Um dia subi e desci isso aqui 32 vezes. Não emagreci como queria. Só arrebentei meu joelho", brinca.

